

As Filosofias Nacionais e a
Questão da Universalidade da Filosofia

*ATU*alidade
ACADÊMICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

REITOR

Jackson Proença Testa

VICE-REITOR

Marcio José de Almeida

CONSELHO EDITORIAL

Leonardo Prota (Presidente)

José Eduardo de Siqueira

José Vitor Jankevicius

Lucia Sadayo Takahashi

Mary Stela Müller

Paulo Cesar Boni

Ronaldo Baltar



EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Campus Universitário
Caixa Postal 6001
Fone/Fax: (0**43) 371-4674
E-mail: eduel@uel.br
86051-990 Londrina, PR

Leonardo Prota

As Filosofias Nacionais e a
Questão da Universalidade da Filosofia

editora UEL
Filiada à ABEU



Londrina·2000

Capa
Projeto Ilustração – CECA/UEL – Arte Design
Coord.: *Cristiane Affonso de Almeida Zerbetto*
Vice-Coord.: *Rosane Fonseca de Freitas Martins*
Aluno: *Dennis Henrique Vicário Olivio*

Editoração Eletrônica e Composição
Maria de Lourdes Monteiro

Revisão (Língua Portuguesa)
Severino Tavares da Silva

Montagem e Acabamento
Rubens Vicente

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Bibliotecária Responsável – *Ilza Almeida de Andrade* CRB 9/882

P967f Prota, Leonardo
As filosofias nacionais e a questão da universalidade
da filosofia / Leonardo Prota. – Londrina : Ed. UEL, 2000.
xiv, 320p. ; 21 cm

ISBN 85-7216-250-X

1. Filosofia – História. 2. Universal (Filosofia). 3. Fi-
losofia moderna. I. Título.

CDU 1(091)

ISBN 85-7216-250-X
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil/Printed in Brazil

2000

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	11
--------------------	----

PRIMEIRA PARTE A QUEBRA DA UNIDADE LINGÜÍSTICA NA EUROPA E O SURGIMENTO DAS FILOSOFIAS NACIONAIS

I. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS NAÇÕES -----	3
1. AS MONARQUIAS CENTRALIZADAS DERROTAM O FEUDALISMO -----	3
2. O SACRO IMPÉRIO -----	6
3. O IMPÉRIO OTOMANO -----	13
II. UMA SÍNTESE CONCLUSIVA: A FORMAÇÃO DAS NAÇÕES COMO UM PROCESSO VARIADO E COMPLEXO -----	15
III. CARÁTER ORIGINAL DO ESTADO MODERNO -----	17
IV. CRONOLOGIA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PRINCIPAIS NAÇÕES EUROPEIAS -----	23
V. COMO SE DÁ A QUEBRA DA UNIDADE LINGÜÍSTICA ----	25
VI. A FEIÇÃO ASSUMIDA PELA FILOSOFIA MODERNA -----	27
1. FATORES CULTURAIS INTERVENIENTES -----	27
2. AUTORES, OBRAS E VERTENTES -----	28
3. DE QUE RESULTA A FORMAÇÃO DAS FILOSOFIAS NACIONAIS -----	31

SEGUNDA PARTE PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PRINCIPAIS FILOSOFIAS NACIONAIS

I. A FILOSOFIA INGLESA -----	41
1. O SIGNIFICADO DA PROPOSTA DE FRANCIS BACON (1561/1626) ----	41
2. O ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO, DE LOCKE (1632/1704) -----	43

3. O INQUÉRITO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO DE HUME (1711/1766) -----	45
4. A CONSAGRAÇÃO DO EMPÍRISMO INGLÊS E AS DERIVAÇÕES SUSCITADAS PELAS ESCOLAS ESCOCESA e Utilitarista -----	48
a) A Escola Escocesa -----	50
b) O utilitarismo -----	52
5. O RETORNO À PROPOSTA ORIGINAL: JOHN STUART MILL -----	54
6. A REVIRAVOLTA PROVOCADA PELA CIÊNCIA E COMO A FILOSOFIA INGLESA MANTÉM-SE FIEL À PROPOSTA ORIGINAL -----	57
a) O panorama em fins do século XIX e começos do século XX -----	57
b) A reviravolta na ciência e suas conseqüências epistemológicas -----	58
c) Ayer e a configuração assumida pela epistemologia -----	60
d) O retorno ao espírito tradicional na obra de Karl Popper -----	63
 ADENDO - A QUE TRADIÇÃO FILOSÓFICA ACHA-SE RELACIONADA A OBRA DE WITTGENSTEIN -----	 67
 II. A FILOSOFIA ALEMÃ -----	 73
1. UMA QUESTÃO MARCANTE: A PROPOSTA LEIBNIZIANA DE NOVO SISTEMA -----	73
2. PRESSUPOSTOS DA CRÍTICA KANTIANA -----	75
3. IDÉIA SUMÁRIA DA CRÍTICA KANTIANA -----	77
4. KANT EXALTA O SISTEMA -----	79
5. PRIMEIRA TENTATIVA DE CONSTRUIR O SISTEMA DO IDEALISMO ALEMÃO: FICHTE -----	81
6. HEGEL REALIZA A PROEZA DE CONSTRUIR O SISTEMA -----	86
a) Fenomenologia do espírito -----	88
b) Ciência da lógica -----	95
c) Filosofia do direito -----	97
d) O legado hegeliano para a filosofia universal, em geral, e para a filosofia alemã, em particular -----	103
7. PERÍODO DE DESORIENTAÇÃO E PERPLEXIDADES -----	105
8. A VOLTA A KANT E AO SISTEMA -----	108
9. DESVIO DE ROTA POR INFLUÊNCIAS EXTERNAS -----	110
a) Idéia sumária da fenomenologia e do existencialismo --	111
10. RECONSTITUIÇÃO DA LINHA DE CONTINUIDADE -----	118

III. A FILOSOFIA FRANCESA -----	121
1. O SENTIDO PRINCIPAL: PREVALÊNCIA DO RACIONALISMO -----	121
2. O RACIONALISMO E SEU DESDOBRAMENTO ATÉ O SÉCULO XIX -----	123
a) A formulação devida a Descartes -----	123
b) A linhagem Condorcet-Saint Simon-Comte -----	124
3. ETAPAS INICIAIS DO INTUICIONISMO -----	130
a) A transformação do cartesianismo em espiritualismo por Malebranche -----	130
b) O radicalismo da opção espiritualista de Pascal -----	133
4. A tentativa de reunir as duas direções no ecletismo espiritualista e seu coroamento -----	135
a) Importância do movimento filosófico patrocinado pelo ecletismo -----	135
b) A obra de Biran e seu significado -----	136
c) A ética eclética na versão vitoriosa que lhe deu Paul Janet -----	143
d) A proposta de racionalismo equilibrado não vingou pela mão do ecletismo -----	147
5. NOVO CICLO DE EXACERBAÇÃO DO RACIONALISMO E SEU DESFECHO NIILISTA -----	149
a) Idéia geral da abrangência do período -----	149
b) Como se estrutura a primeira versão -----	151
– A desorientação de Comte não impediu a arrancada triunfal propiciada por Littré, Taine, Rénan e Durkheim -	151
– Situação na época da Primeira Guerra e elementos impulsionadores da ulterior radicalização -----	157
6. AMADURECIMENTO E FLORESCIMENTO DO RACIONALISMO EXACERBADO -----	159
a) A versão marxista triunfante -----	159
b) O estruturalismo -----	163
c) Simbiose entre marxismo e estruturalismo -----	170
d) A reação niilista -----	175
7. COMO SE ESTRUTURA E DEFINE-SE O RACIONALISMO EQUILIBRADO -----	181
a) Neokantismo -----	183
b) Leon Brunschvicg -----	184
c) Henri Poincaré -----	186
d) Raymond Aron -----	191
e) Paul Ricouer -----	197

IV. A FILOSOFIA ITALIANA -----	207
1. A cultura romântica italiana -----	207
2. Processo de constituição da filosofia italiana -----	214
3. Estudos e autores do risorgimento italiano -----	217
a) Vincenzo Cuoco -----	218
b) Pasquale Galluppi -----	219
c) Antonio Rosmini -----	221
d) Gioberti e Mazzini -----	222
e) Giuseppe Mazzini -----	225
4. FILOSOFIA ITALIANA, FILOSOFIA DA CULTURA -----	226
5. BERTANDO SPAVENTA -----	229
a) Indicações de ordem bibliográfica -----	229
b) Idéia sumária do hegelianismo de Spaventa -----	232
c) A hipótese desenvolvida na obra: La Filosofia Italiana nelle sue relazioni con la Filosofia Europea (1908) -----	237
6. O HEGELIANISMO DE CROCE -----	248
a) Indicações de ordem bibliográfica -----	248
b) O desenvolvimento do hegelianismo de Croce -----	257
7. O HEGELIANISMO DE GENTILE -----	260
a) Indicações de ordem bibliográfica -----	237
b) O hegelianismo na versão de Gentile -----	262
8. CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE CROCE E GENTILE -----	263
9. O DESAFIO COM QUE SE DEFRONTOU A FILOSOFIA ITALIANA E COMO O ENFRENTOU E VENCEU -----	264

TERCEIRA PARTE
UNIVERSALIDADE DA FILOSOFIA E
FILOSOFIAS NACIONAIS

I. EM QUE CONSISTE A UNIVERSALIDADE DA FILOSOFIA --	271
II. DESAPARECIMENTO DOS SISTEMAS E PERMANÊNCIA DOS PROBLEMAS -----	275
1. OS PROBLEMAS NA BASE DA REFLEXÃO METAFÍSICA, SEGUNDO NICOLAI HARTMANN -----	275
2. A PESQUISA FILOSÓFICA A PARTIR DOS PROBLEMAS, SEGUNDO RODOLFO MONDOLFO -----	283

III. AS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS -----	297
1. AS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS SEGUNDO MIGUEL REALE -----	297
2. A PERSPECTIVA TRANSCENDENTAL NÃO ELIMINA A TRANSCENDENTE -----	300
3. TENTATIVA HUSSERLIANA DE CONCILIAR PERSPECTIVAS TRANSCENDENTAL E TRANSCENDENTE -----	303
IV. O PAPEL DAS FILOSOFIAS NACIONAIS -----	311
BIBLIOGRAFIA -----	315

APRESENTAÇÃO

As Filosofias Nacionais e a Questão da Universalidade da Filosofia é o resultado de onze anos de reflexões e debates. Embora tivesse esbarrado com o tema, nas fases anteriores, sua discussão sistemática começa a partir do 1º Encontro Nacional de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira, ocorrido em setembro de 1989. Desde então, foram realizados outros cinco encontros. O 6º Encontro Nacional de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira teve lugar, precisamente, em 1999, como os anteriores no mês de setembro e também em Londrina.

Nas discussões em apreço não nos limitamos a examinar o conceito de filosofia nacional em sua generalidade. Insistimos, sobretudo, na busca do entendimento das principais filosofias nacionais.

Assim, discutimos especificamente filosofia inglesa, filosofia francesa, filosofia alemã, filosofia espanhola, filosofia italiana, filosofia portuguesa e filosofia norte-americana. Envolveram-se em tais discussões: Ricardo Vélez Rodríguez, Ubiratan Borges de Macedo, Antonio Paim, Italo da Costa Joia, Tiago Adão Lara, Aquiles Cortes Guimarães, Creusa Capalbo, Rosa Mendonça de Brito, Lourenço Zancanaro, Antonio Sidekun, José Maurício de Carvalho, José Fernandes Tejada, Adja Barbieri, Constança Marcondes Cesar, Volnei Edson dos Santos, Aylton Barbieri Durão, João Ricardo Moderno, Marcos Rodrigues, Antonio Joaquim Severino e Oswaldo Giacoia Jr. Entre os professores estrangeiros destacaria Francisco da Gama Caeiro (1928/1994), Antonio Braz Teixeira, Joaquim Domingues, Pedro Calafate, José Esteves Pereira, Manuel Cândido Pimentel, Norberto Cunha e Eduardo Soveral, de universidades portuguesas; Francisco Olmedo Llorente (da Universidade de Cuenca, Equador); Javier Peña Echeveria (Universidade de Valladolid, Espanha)

e Mario Lozano (Universidade de Milão, Itália). Acompanhou o nosso trabalho com o maior empenho, notadamente o nosso interesse pela filosofia italiana, o prof. Giuseppe Semerari, da Universidade de Bari, lamentavelmente falecido.

O Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina chegou a considerar a hipótese de organizarmos pós-graduação com área de concentração no tema filosofias nacionais e contamos, na formulação do correspondente projeto, com a valiosa colaboração do prof. Aquiles Cortes Guimarães. Essa idéia, entretanto, não teve curso, por não se ter incluído entre as prioridades, na matéria, pelas quais a UEL acabou optando.

De um modo geral, as filosofias nacionais limitam-se a cultivar a sua especificidade, muito raramente buscando o diálogo com as congêneres. Na maioria dos casos, esse contato tem lugar em circunstâncias específicas, a exemplo de seminários a propósito de algum tema ou evento. No mundo anglo-saxão, mesmo os filósofos que são parte do Canon só são considerados nos cursos de humanidades. Explicita-se claramente que os contemporâneos estariam distanciados da temática que os ocupa.

Houve mesmo uma fase na filosofia inglesa de franca hostilidade ao que denominavam de “filosofia continental”. Num colóquio dedicado à *Filosofia Analítica e História da Filosofia*, cujos Anais foram publicados pela Librairie Philosophique J. Vrin, de Paris, em 1997, relataram-se casos em que a divergência é apresentada de forma muito agressiva, a ponto de afirmar-se que as discussões filosóficas na França resultavam de uma formação defeituosa no ensino básico ou que os alemães falavam de ciência sem conhecer o assunto, pois não conviviam diretamente com os cientistas, como se dava nas universidades inglesas. Mesmo um filósofo renomado como Alfred Adler (1910/1989), independente do fato de que alardeava o contato estreito que teria com Wahl, Camus ou Merleau-Ponty, no livro autobiográfico *Part of my*

life (1977), expressa francamente a convicção de que as preocupações da fenomenologia, além de desprovidas de sentido, carecem de importância.

Acrescente-se que o colóquio antes referido não chegou a nenhum acordo. Os filósofos analíticos ingleses não se convenceram de que a história da filosofia poderia ser levada a sério.

Ao longo de todos esses anos amadureceu em nosso espírito uma convicção inquietante: examinando o tema com isenção e sem envolvimento emocional, verifica-se que, contemporaneamente, somente existem filosofias nacionais. Tive, portanto, que tentar resolver este problema: em que consiste a universalidade da filosofia?

Na obra que ora entrego ao público, espero haver conseguido transmitir toda a riqueza do esforço empreendido no sentido de compreender em que consistiriam precisamente as principais filosofias nacionais. E também que haja conseguido responder àquela pergunta no tocante à universalidade do saber filosófico.

Londrina, junho de 2000.

Leonardo Prota